

# Sting convence Sarney a aprovar criação de novo parque

Brasília — Marcos Henrique/Correio Braziliense

BRASÍLIA — O presidente José Sarney aprovou ontem informalmente, em encontro de quase duas horas no Palácio da Alvorada com o cantor inglês Sting, a criação de um novo grande parque nacional, que reuniria o atual Parque Nacional do Xingu e as reservas de Gurupi e Gorotiré — uma área total de 450 quilômetros por 600 quilômetros. A criação do parque seria parte do projeto da Fundação Mata Virgem, um movimento até então desconhecido que seria gerenciado no Brasil, mas com recursos externos e internos. "Não é um projeto para comprar a Amazônia, mas um projeto brasileiro de uma fundação brasileira", alertou Sting.

Sting, usando roupas verdes e botas, conversou com o presidente José Sarney, acompanhado do presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, do diretor de Orçamento e Finanças do instituto, José Carlos de Carvalho, do antropólogo Carlos Farias, que serviu de tradutor, e de Jean Pierre Dutilleu, empresário do cantor.

"O mundo inteiro está focalizado no problema do índio no Brasil. Acho que devemos providenciar uma interação entre o governo e o exterior. Infelizmente, acho que não se fala das boas coisas do Brasil, mas só das ruins", disse Sting para Sarney, durante o encontro na biblioteca do Palácio da Alvorada. Fernando Mesquita socorreu o presidente com algumas estatísticas que tem estudado, desde que, há menos de um mês, assumiu o instituto: "O governo já fez mais pelas reservas indígenas hoje do que foi feito nos últimos trinta anos. Já demarcamos 32 milhões de hectares em reservas, muito mais do que os 11 milhões de hectares demarcados até o início do governo atual", explicou didaticamente.

Prosseguindo nas estatísticas, Sarney lembrou que "hoje cerca de 10% do território brasileiro é constituído de reservas indígenas". Foi interrompido por Sting, impaciente: "Devo enfatizar que a Fundação Mata Virgem não é uma intervenção estrangeira em território brasileiro". Sarney retrucou: "Sou um velho batalhador da causa ecológica". E lembrou que participou da Conferência de Meio Ambiente de Estocolmo.

Em uma entrevista logo após o encontro com Sarney, Sting, cercado de fãs em busca de um

## Cacique se emociona com recepção de honra

Ricardo Arnt

ALTAMIRA, PA — Uma guarda de honra de 200 guerreiros caiapós, formando um corredor do avião até a caminhonete que o levou do aeroporto, protegeu a chegada do líder indígena Paulo Paiaçã a essa cidade, onde começa hoje o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu — uma assembleia de nações indígenas para protestar contra a construção

do complexo hidrelétrico de Altamira. Paiaçã estava em Belém, onde, na terça-feira, foi operado de uma súbita e aguda apendicite.

Cem jornalistas, brasileiros e do exterior, assistiram à majestosa chegada do chefe indígena. Paiaçã desceu do avião Bandeirante vestindo calção e cocar, adornado de pinturas rituais e mostrando os curativos da operação na barriga. Começou a chorar quando pisou a pista. Muitos dos guerreiros que o protegiam da histeria da imprensa também choraram. Amparado por chefes das 11 aldeias caiapós que vieram para o encontro, o líder cruzou devagar o corredor de guerreiros cumprimentando conhecidos. A cena deixou estrangeiros estupefatos. Simbolismos desse gênero só se encontram no Brasil.

Quatrocentos e cinquenta índios caiapós, xavantes, munducurus, gaviões e assuriris já estão na cidade, acampados na Chácara Betânia, onde funciona o Centro de Formação da Prelazia do Xingu, a cinco quilômetros de Altamira. Líderes indígenas de projeção nacional como Ailton Krenak, da União das Nações Indígenas, Marcos Terena (de Mato Grosso) e Gilberto Macuxi (de Roraima) estão presentes. Aguarda-se a chegada das tribos do Parque Nacional do Xingu, entre as quais os txucarramães, liderados pelo cacique Raoni.

Desde sábado, a Polícia Militar guarda a Chácara Betânia. Na sexta-feira à noite, os ocupantes



Sting, Sarney e Fernando César discutiram o projeto por 2 horas

autógrafo, garantiu que não há qualquer interesse multinacional por trás da Fundação Mata Virgem. "Não temos ligação com nenhum governo ou corporação, tudo virá de doações", disse. Sting, que acha que "os bancos do mundo inteiro devam ficar abertos a soluções alternativas para a dívida externa brasileira", sugeriu ainda a criação de zonas de proteção ao redor das reservas ecológicas brasileiras, permitidas para o comércio e turismo.

Segundo Fernando César Mesquita, a Fundação Mata Virgem ainda está em fase de organização e servirá para desenvolver o projeto de Sting no Brasil. A fundação, segundo ele, será financiada por empresários brasileiros do setor privado. Mesquita não soube dizer, no entanto, que grupos empresariais seriam estes. Será formada ainda uma comissão com a participação do Ministério do

Interior, Fundação Nacional do Índio (Funai) e Instituto de Meio Ambiente para estudar a viabilidade do projeto. Um relatório preliminar está sendo preparado pelo vice-presidente do instituto, José Carlos Carvalho. Segundo Mesquita, se for mesmo criado, o novo parque será administrado pelos próprios índios.

No próximo dia 12 de abril, Sting, devidamente acompanhado do cacique Raoni e de grandes nomes da música internacional, abrirá em Paris, com apoio da TV estatal francesa TF-1, uma campanha internacional em favor da causa amazônica. Haverá shows na Alemanha, Itália, Espanha, Inglaterra, Japão, Estados Unidos, China, terminando em dois meses no Brasil. Ainda ontem, Sting e Fernando César Mesquita partiram para Altamira, no Pará, para abrir o 1º Encontro Brasileiro de Povos Indígenas.

Altamira, PA — Flávio Rodrigues



Paiaçã, cercado de guerreiros, chorou na chegada ao aeroporto

de um automóvel deram cinco tiros para o ar em frente ao portão principal e fugiram. A hostilidade dos altamirenses contra índios e ecologistas é intensa, porém respeitosa, até agora. Ontem, chegaram à cidade dez agentes da Polícia Federal. Hoje, às duas horas da tarde, autoridades municipais, comerciantes e a União Democrática Ruralista (UDR), engajados no Moprok (Movimento Pró-Kararaó) promovem uma passeata, no Centro da cidade. Altamira promete um sonoro não aos adversários da barragem de Kararaó, a primeira do complexo hidrelétrico.

Os índios registram uma queixa-crime na delegacia de polícia contra as ameaças recebidas na sexta-feira. O padre Angelo Pansa, que foi testemu-



Altamira, PA — Fotos de Flávio Rodrigues

Faixas e cartazes apóiam a construção da hidrelétrica

## De costas para o Rio Xingu

Altamira espera que a usina a salve de 20 anos de abandono

Altamira entrou para a saga da expansão das fronteiras econômicas na Amazônia com a construção da Transamazônica, em 1973. A promessa de terras baratas atraiu migrantes do Nordeste e do Sul, e, em dez anos, a população aumentou em mais de 500%: passou de 5.700 pessoas, em 1970, para 27.000, em 1980.

A cidade fundada pelo extrativismo dos produtos da floresta assistiu à multiplicação desordenada de bairros novos como Sudam 1, Sudam 2, Jardim Fortaleza, Jardim Independente, Liberdade e Colinas, muitos em palafitas, sobre igarapés. Nas cheias do Xingu, todo ano, a população abandona as casas.

Os altamirenses sentem-se abandonados 20 anos depois. Boa parte da Transamazônica é intransitável. De novembro a maio, na estação das chuvas, só é possível sair da cidade de avião. Apenas um terço das edificações tem água encanada. Só a parte antiga da cidade tem sistema de drenagem de águas pluviais. Ruas pavimentadas, só no centro. Não há rede de esgoto. A rede hospitalar tem um déficit de leitos de 50% e o equipamento escolar atende apenas a 15% da crianças em idade escolar.

Os projetos de colonização, com técnicas inadequadas ao meio ambiente, não deram os resultados esperados. Altamira vive da exploração da madeira da floresta e da mineração. Em poucos minutos de conversa, os altamirenses desabafam: a vida é dura, não há emprego, a

falta de estradas impede o desenvolvimento, ninguém tem dinheiro.

Alguns, efetivamente, têm. Os novos ricos da colonização agrária construíram grandes casas, de vastos alpendres, ao longo da estrada que liga o aeroporto à cidade. São os comerciantes e os fazendeiros, hoje à frente da mobilização que empolga a cidade: a construção do complexo hidrelétrico do Xingu trará empregos, estradas, hospitais, escolas, energia, pavimentação e fortuna para o comércio.

Os 38 mil altamirenses não se assustam com a chegada caótica de 31 mil trabalhadores para os dois canteiros de obras da usina de Kararaó. Eles já vivem no caos. Qualquer coisa é melhor. Se os índios e os ecologistas impedirem a construção da usina, tudo continuará como está, abandonado. Quem sabe quando a cidade terá outra chance como essa?

O calor é infernal em Altamira, mas um pouco menos na beira do rio. Na parte velha da cidade, há construções amplas, com modelos arquitetônicos do passado, como o Instituto Maria de Matias e a Igreja Nossa Senhora de Nazaré e até um pequeno anfiteatro. Depois que os projetos de colonização agrária substituíram o extrativismo, a beira-rio deixou de ser área nobre. Hoje, ela sinaliza a mudança dos tempos. No extremo sul, estão a sede da Mineração Taboca (Parapanema), a Mineração Canopus (Rhodia) e a Mineração Oca; no centro, a Superintendência da Borracha (Sudhevea) e, no extremo norte, a melancólica sede da Funai. Com a barragem de Kararaó, Altamira reitera a virada histórica: definitivamente, dá as costas ao rio. (R.A)